

**BAIRROS NEGROS, A FORMA URBANA DAS POPULAÇÕES
NEGRAS NO BRASIL:**

Disciplina da Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

**BLACK NEIGHBORHOODS, THE URBAN FORM OF BLACK
POPULATIONS IN BRAZIL:**

Discipline of the Graduate Program in Architecture and Urbanism

Henrique Cunha Junior¹

Resumo

A história do urbanismo brasileiro e a urbanização brasileira possuem inúmeros marcadores da especificidade da forma urbana das populações negras. O racismo antinegro é um problema estrutural da sociedade brasileira e se concretiza no espaço urbano e nos territórios de maioria de população negra. Com este enfoque histórico geográfico urbano é que se propõe a disciplina de “Bairros negros: A forma urbana das populações negras no Brasil”. Esse artigo apresenta o contexto da criação dessa disciplina e a importância dela como ruptura conceitual e epistemológica dentro da forma que tradicionalmente foi tratada a teoria urbana brasileira e que não refletia a especificidade das populações negras nas cidades brasileira. O artigo explica o enfoque conceitual da disciplina com base nas propostas do movimento social e político do Pan africanismo e dos conceitos de complexidade sistêmica e transdisciplinaridade.

Palavras-chave: Bairros negros; Teorias urbanas; História do Urbanismo; A produção da cidade; racismo antinegro estrutural.

Abstract

The history of Brazilian urbanism and Brazilian urbanization have various and countless markers of the specificity of the urban form of black populations. Anti-black racism is a structural problem in Brazilian society and is materialized in the urban space and in the territories of the majority of the black population.

¹ Possui graduação em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo (1975), graduação em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1979), mestrado em Dea de História - Université de Nancy-França (1981) e Doutorado em Engenharia Elétrica pelo Instituto Politécnico de Lorraine (1983). Realizou Pós-doutorado na Universidade Técnica de Berlin -1985. Atualmente é Professor Titular da Universidade Federal do Ceará. Pesquisa e leciona na área de Educação, com base na teoria da complexidade sistêmica e da transdisciplinaridade, ênfase em Bairros Negros e Territórios negros, História e Urbanismo Africano. Trabalha também na Engenharia Elétrica nas áreas de Planejamento Energético, Sistemas de Controle, Eletrônica de Potência, Comando de Máquinas Elétricas. Orienta doutoramentos e mestrados em Educação com temas de história e cultura africana, espaço urbano, bairros negros. Orientou mestrados e doutoramentos em engenharia elétrica. Ao todo já orientou e co-orientou 21 teses de doutoramento e 45 de mestrado.

With this urban geographic historical approach, it is proposed the discipline of “Black population neighborhoods: The urban form of black populations in Brazil”. This article presents the context of the creation of this discipline and its importance as a conceptual and epistemological break within the way that Brazilian urban theory was traditionally treated and that did not reflect the specificity of black populations in Brazilian cities. The article explains the conceptual approach of the discipline based on the proposals of the social and political movement of Pan Africanism and the concepts of systemic complexity and multidisciplinary practice.

Keywords: Black neighborhoods; Urban theories; History of Urbanism; City production; structural anti-black racism..

MUDANÇAS SOCIAIS, MUDANÇAS CIENTÍFICAS E MUDANÇAS CURRICULARES

Os movimentos sociais produzem demandas que provocam mudanças sociais que no leque do trânsito das mudanças provocam a necessidade de novos aparatos científicos, que por sua vez implicam em necessidade de transformações curriculares. Infelizmente, as mudanças da ciência e dos currículos são sempre muito lentas e enfrentam um imenso processo de desgaste em razão das universidades e das instituições de pesquisa brasileiras serem muito conservadoras e burocratizadas. Nas instituições brasileiras inexistem a necessária agilidade em acompanhar o curso das transformações históricas e darem respostas para implementação de programas de pesquisas e de formação na medida da importância das reivindicações sociais. Assim sendo, de um modo geral salvo raras exceções, inexistem disciplinas e programas de pesquisa e de pós-graduação voltados para as necessidades e demandas da população negra.

Racismo antinegro é um problema estrutural da sociedade brasileira em consequência da nossa formação social econômica baseada no modo de produção escravista criminoso. Racismo antinegro produziu um modo capitalista racista da sociedade brasileira que foi espacializado e os bairros negros formam em parte, uma síntese dessa questão sócio-estrutural.

A formação histórica e a cultura brasileira são resultantes das relações sociais entre populações africanas e os descendentes e as populações europeias e os descendentes. A cultura brasileira é em enorme proporção a cultura de base africana transformada pelas relações sociais brasileiras. A cultura negra, como uma das formas culturais da população negra reverbera em todos dos campos da cultura brasileira e em todas as classes sociais.

Tanto pelos fatores formação histórica e cultural como pela existência do racismo estrutural, as universidades brasileiras deveriam ser versadas nos temas de interesse da população

negra. No entanto não são, não estão procurando ser e existe uma imensa rejeição explícita aos temas, mesmo existindo a lei 10.639/2003 que obriga a introdução da história e cultura africana e afrodescendente nos currículos das instituições de ensino públicas e privadas (CUNHA JUNIOR, 2020-1).

Na Universidade Federal da Bahia, como prática da necessidade de renovação curricular dos programas de pós-graduação em arquitetura e urbanismo, duas disciplinas foram criadas: Urbanismo africano: 6000 anos construindo cidades (CUNHA JUNIOR, 2020) e Bairros negros, a forma urbana das populações negras no Brasil. A disciplina Urbanismo Africano foi comentada em artigo anterior e a de Bairros Negros apresentar-se-á nesse artigo.

Bairros negros é uma disciplina com enfoque nos movimentos Pan africanista (GOMES, 2014) e baseada na filosofia e história africana (CUNHA JUNIOR, 2010). Disciplina, que na sua concepção utiliza muitos dos procedimentos conceituais presentes na História Geral da África editada pela UNESCO em 1983, com edição brasileira do Ministério da Educação em 2010 e da produção do pensamento negro brasileiro, com destaque para autores como Guerreiro Ramos, Narcimaria Luz, Clovis Moura e Kabengele Munanga (CUNHA JUNIOR, 2017). Disciplina que também tem o enfoque da complexidade sistêmica e da transdisciplinaridade (CUNHA JUNIOR, 2010). Nesse artigo, são explicados os conceitos desenvolvidos para a disciplina e as implicações esperadas dessa criação.

A criação dessa disciplina se insere e trata de dois grandes contextos, o das transformações da ciência ocidental e das posturas científicas europeias do final do século XX e dos movimentos sociais brasileiros, principalmente do movimento negro.

A CIÊNCIA DA COMPLEXIDADE E AS MUDANÇAS CIENTÍFICAS

O século XX foi um período de fortíssima hegemonia política e econômica da Europa e dos Estados Unidos, denominados como sociedade ocidental e entendidos como branca. O predomínio econômico e a hegemonia se estenderam para o conhecimento e para produção de conhecimento e demarcaram de forma hegemônica a consagração da ciência ocidental, as formas de fazer científicos ocidentais e o modelo ocidental de validação do conhecimento. O conhecimento passou a ser modelado e validado pela forma teoria, método e resultados. Ocorreu e ainda ocorre atrasadamente, em muitos lugares, que caso não se seguisse esta linha de racionalidade, os conhecimentos não teriam validade científica. Teoria, método e resultados, como procedimento de pesquisa ficaram consagrados como meio de acesso ao conhecimento válido da

racionalidade ocidental. Racionalidade ocidental transformada em sinônimo da racionalidade da humanidade. Como se todo pensamento lógico da humanidade tivesse sido inaugurado na Grécia, e que a Grécia como é pensada tivesse existido de fato (CUNHA JUNIOR, 2010). Existem mitos e inverdades sobre a produção intelectual da Grécia clássica que diversos trabalhos já apontaram, mas a literatura corrente ignorou (BERNAL, 1987), (JAMES, 1954). No entanto, o modelo clássico de produção de conhecimento ocidental sofreu um processo de superação por diversas razões, uma delas foi o aparecimento da importância econômica e industrial da Ásia. Para os europeus e para o pensamento científico europeu a pós-modernidade é uma realidade, devido ao fechamento de indústrias e a desaceleração da economia, seguida da perda do monopólio do conhecimento dos europeus para os africanos e asiáticos. Também pela relevância da edição da História Geral da África e o estabelecimento da filosofia africana. Além de que a matemática não linear, a teoria do caos e o conceito de entropia nas ciências europeia abalaram todos os conceitos de determinismo histórico e científico e restringiram o uso de modelos científicos de ordem reduzida a casos particulares. Estabeleceram a necessidade da abordagem pelos conceitos de complexidade sistêmica criando um paradigma científico novo e mostrando as grandes limitações dos pensamentos científicos da tradição de Descartes e Hegel (BAUER, 2009), (SERVA; DIAS; ALPERSTEDT, 2010).

Complexidade é uma forma de pensar o trabalho científico e de conceber os modelos científicos (PRIGOGINE, 1996). Implica em reconhecer as diversas variáveis do sistema e as interações entre elas e não menosprezar os diversos efeitos que elas possam apresentar no comportamento do sistema. Implica também em pensar relações não lineares entre os elementos dos sistemas, fato que do ponto de vista matemático é fácil de identificar, mas em muitos outros sistemas, difícil de se especificar quais são as relações não lineares. Por exemplo, identificar e quantificar as não linearidades dos sistemas sociais é uma grande dificuldade. No entanto, a noção da complexidade sistêmica é uma mudança de paradigma importante na ciência ocidental do final do século passado e abalam todas as grandes teorias sociais e científicas do passado. Entretanto, tais fatos não afetaram em muito a estabilidade dos modos de fazer a ciência no Brasil.

O SÉCULO XX NO BRASIL, A POPULAÇÃO NEGRA E O SILÊNCIO DAS CIÊNCIAS HUMANAS

Tanto nesse artigo quanto na disciplina sobre Bairros negros utilizamos o conceito de população negra. Não utilizamos nem o conceito de raça social e nem de classe social que para

análises com o referencial da complexidade sistêmica são conceitos que pela sua construção, se configuram reducionistas visto que relacionam apenas dois conjuntos sociais estanques.

A utilização da terminologia população negra, invés da composição classe e raça não implica na negação das relações existentes e conflitantes, mas sim numa crítica à homogeneidade e dualidades desses conceitos. Os trabalhadores e os capitalistas não formam apenas dois conjuntos estaques uniformes com os mesmos interesses, bem como a população negra, em relação à branca. A utilização de população negra é pensada com relação a história e a geografia. Também não é apenas a cor da pele que define as relações, elas estão imbricadas nas estruturas e se relacionam com a cultura, a política, as relações sociais e a geografia. As problemáticas vividas pelas populações negras tem perfis diversos nas diversas localidades do país, as vezes na mesma cidade, variando entre os bairros.

Para a população negra o século XX representou uma dupla transição. A longa e penosa transição entre a produção do escravismo criminoso e a sociedade do capitalismo racista e também a transição entre o mundo rural e o urbano. Ambos os processos em presença do racismo antinegro estrutural. Racismo antinegro definido com uma forma de controle social e de dominação da população negra pela elite branca. No racismo estrutural os principais mecanismos foram a desqualificação social de tudo que tivesse relação com a população negra e a criminalização pelo estado dos seres negros. A ciência foi utilizada para declarar a população negra como propensa ao crime e culturalmente incapaz de assimilar a civilização. Os ditos mestiços, utilizando critérios científicos do período da primeira república foram definidos como raça degenerada. As religiões e as culturas da população negra sofreram permanente repressão pelo estado e pela população branca. A imigração de europeus brancos foi uma política de estado contrária aos interesses da população negra, estabelecida como política pública no sentido de melhorar a raça brasileira e civilizar o país.

No quadro social de intensa repressão sistemática as populações negras e as ciências humanas comportaram-se de dupla maneira, a saber, na primeira metade do século XX desenvolvendo o racismo científico (LIMA, 1996) e na segunda metade silenciando sobre os diversos temas de interesse da população negra. Daí, a importância de entendermos a construção do silêncio e da omissão sistemática das ciências humanas brasileiras com relação à população negra.

Primeiro obstáculo foi que os modelos científicos empregados eram europeus, vistos como universais, tratando as especificidades da Europa, principalmente do capitalismo europeu e generalizando para toda a humanidade, pensando a humanidade de maneira genérica e uniforme

com os mesmos determinismos históricos. A força do pensamento eurocêntrico tornou o pensamento brasileiro uma grande colônia. Raros foram os pensadores brasileiros que tentaram pensar modelos a partir da realidade brasileira como, Juliano Moreira (PASSOS, 1975), (MOREIRA, 1891), Manoel Querino (LEAL, 2016), Guerreiro Ramos (CRUZ, 2002), (SOARES, 1993), Virginia Bicudo (BICUDO, 1947), Clovis Moura (MOURA, 1959), (MOURA, 2002) e Darcy Ribeiro. A primeira grande investida foi de Juliano Moreira na sua tese de doutoramento que ficou desconhecida por mais de um século e que poderia ter mudado todo pensamento nacional do século passado sobre raça e população negra. Manoel Querino propôs um reconhecimento importante e amplo do africano como real colonizador do Brasil, mas também foi feito silêncio a respeito. Guerreiro Ramos que propôs uma sociologia a partir do Brasil e articulada em torno da realidade da população negra não é lido nas universidades brasileiras. E Virginia Bicudo que realizou a primeira dissertação de mestrado na sociologia brasileira tratando a temática da população negra teve os originais de seu trabalho de difícil acesso em finais do século XX. Clovis Moura propôs uma adaptação da teoria marxista à realidade brasileira onde a contradição fundamental da sociedade brasileira fosse a partir das relações entre escravizados e escravizadores, porém foram raros os debates acadêmicos em torno das suas proposições (MENDES, 2001). Darcy Ribeiro publicou em 1995 "O Povo Brasileiro - a formação e o sentido do Brasil", no qual propôs novas matrizes classificatórias da formação brasileira.

O segundo obstáculo imposto às ciências sociais foi a adoção da ideologia da mestiçagem, sobre a qual houve grande empenho de divulgação pelo estado e pelos intelectuais brancos brasileiros das diversas vertentes ideológicas. Baseados no livro complicado e cheio de fotos sem referências consistentes de Gilberto Freyre (CUNHA JUNIOR, 2013), (MUNANGA, 2008) o Brasil ficou sendo pensado como mestiço e sem antagonismos entre as populações negras e brancas brasileira. Justificavam que o Brasil não teria racismo devido a mestiçagem. Fizeram uma proposital confusão entre fatores biológicos e relações sociais, portanto uma ideologia. Assim invalidaram todos os pleitos dos movimentos negros e mesmo o reconhecimento desse movimento como legítimo. Em 1982, a pesquisadora Glória Gohn recenseou os movimentos populares urbanos brasileiros e deixou de fora da análise os movimentos negros que existiram desde o início do século XX (GOHN, 1982).

Seguindo a pauta das ciências humanas brasileiras do século passado as áreas do urbanismo (movimentos sociais urbanos, saúde coletiva, sanitárias, geográficas urbanas, econômicas, históricas) sempre negligenciaram o estudo das populações negras urbanas como tema específico.

Muito menos relacionaram as condições urbanas com os meios de expressão e de compreensão do racismo antinegro estrutural.

Neste sentido da pauta das ciências sociais brasileira de um modo geral o tema de bairros negros tornou-se um lugar fora das ideias urbanas (SILVA, 2006). Um lugar fora das preocupações e das ideias urbanísticas caracteriza o foco da discussão indicando que estamos diante de uma ideologia, como forma de dominação e nos interessa compreender como ela se processa. Embora as formações tecnológicas estejam distantes do acesso e do uso das populações dos bairros negros algumas ações importantes caminham neste sentido a exemplo dos projetos dos grupos de engenharia solidária (AVELAR, 2012), (SOUZA, 2002) e de grandes projetos de reurbanização de favelas (SILVA JUNIOR, 2006), os quais colocam importantes discussões sobre espaço urbano, urbanismo, espaço público, qualidade de vida e relação desses temas com cultura e diversidade da população; todos estes projetos carecem de uma base conceitual e estrutural sobre as especificidades da população negra.

A PRODUÇÃO DO URBANO COMO PRODUTO DO RACISMO ESTRUTURAL

A cidade é composta de bairros onde vivem as pessoas e onde a diversidade humana se manifesta. Uma das dimensões dos problemas de uma sociedade é o da mediação entre a cidade e a diversidade de população e de grupos sociais. A produção da identidade individual e coletiva, sociabilidade e também das oportunidades de vida estão em grande proporção associadas à vida nos bairros. A qualidade de vida permitida aos grupos populacionais em grande proporção se define pelos bairros e encontra-se condicionada à produção dos espaços públicos, da infraestrutura urbana e das condições de moradia (NEAL, 2010). O desenho urbano, entendido como o desenvolvimento e consolidação de como é efetivamente estabelecida a cidade moderna, é mediado e executado por urbanistas, num campo de consensos e conflitos de interesses sociais, políticos, culturais e econômicos, no entanto pautado e submetido ao conhecimento científico. Além dos urbanistas, participam desse desenho urbano e das discussões de arquitetos, engenheiros, geógrafos, sociólogos, sanitaristas, ambientalistas e juristas. Constitui uma área de pensamento pautada pela interdisciplinaridade, apesar de ser orientada por um número reduzido de eixos sobre as concepções de cidade e sobre a formação dos profissionais enquanto urbanistas ou outros dedicados ao planejamento e desenho do espaço urbano.

No pensamento urbanístico a concepção de cidade é orientada pela história das cidades no ocidente. Geralmente inicia-se pensando a habitação e a vida em coletividade tendo como base a

alegoria da caverna, de Platão. Segue na composição da racionalidade arquitetônica inspirada no “Tratado de Arquitetura de Vitruvio”, escrito no século I antes de Cristo, relativo à vida prática profissional na Roma de Cesar Augusto. Faz referência aos feitos de Leonardo Da Vinci, passa para a história das cidades europeias (ROSSI, 1966), (BENEVOLO, 2003) como sendo a história das cidades do mundo e mergulha nas discussões da carta de Atenas Le (SENT/CORBUSIER, 1942) e suas consequências entre franceses, ingleses e americanos (DUCCI, 2009). Inexistem referências africanas e asiáticas fortes, embora Benevolo (BENEVOLO, 2003) tenha parte de um capítulo sobre o Egito e dentro das perspectivas de formação dos profissionais, os fenômenos urbanos tenham ocorrido desde 4000 anos antes da era cristã, no Egito (MALEK, 2003) e os demais lugares da Ásia e África não são estudados. Ou seja, a maior variedade de formas de urbanismo e arquitetônicas que estão presentes nas histórias asiáticas e africanas (HORNUG, 1992) ficam fora dos currículos e da história das cidades e do urbanismo. Podemos deduzir que a fundamentação teórica do urbanismo se limita ao exame da tradição eurocêntrica, dialoga apenas com parte das culturas europeias, produzindo uma mentalidade eurocêntrica e disfarçada como conhecimento científico e universal.

O padrão de urbanização brasileiro imprimiu nas metrópoles e cidades conceitos e formas de concebê-las baseado na coletânea técnica utópica europeia. Formalizou-se o conceito de padrão periférico que engloba loteamento ilegal, a autoconstrução e os distantes conjuntos habitacionais desprovidos de equipamentos urbanos e de espaços públicos. Padronizou a ideia de cidade como um espaço dual, dividido entre área informal, sem tecnologia, planejamento e investimentos públicos significativos e área formal concentradora dos investimentos públicos, lugar de planejamento e de aplicação das tecnologias. Os bairros e lugares onde se concentram as populações negras recebem designações tais como, cidades clandestinas, cidades irregulares, cidades informais e cidades periféricas. Lugares à margem do pensamento e da prática de urbanização, portanto fora do desenho urbano e sem investimentos proporcionais à densidade da população, sem um reconhecimento da importância da forma urbana das populações negras.

Pensando na produção da desigualdade social no Brasil observa-se que a forma da produção da cidade além de relacionar-se com a formação das ideias acadêmicas, também se correlata com a distribuição de valores sociais (SILVA, 2006). O tratamento dispensado a determinada área depende do grupo social que ali habita, podemos então inferir que a desigualdade social produzida sobre a população tem um componente especial urbano sintetizado no Bairro Negro. Assim a sistematização de “não lugar” nas ideias urbanísticas é parte da forma de produção da inclusão precária das populações negras na sociedade brasileira. A forma que a população negra

aparece nas ideias urbanísticas retira a especificidade de ser um lugar de maioria de população negra e a estigmatiza como lugar de produção espacial urbana informal. Essa sistemática social pode ser considerada como parte do processo de desqualificação social da população negra e ato de prática do racismo antinegro. Porém, independente da nomenclatura utilizada, o uso dessa proposição nos ajuda a explicar a produção de desigualdade entre as populações negras e brancas na sociedade brasileira devido ao desenho urbano das nossas cidades.

EMENTA: BAIRROS NEGROS: A FORMA URBANA DAS POPULAÇÕES NEGRAS NO BRASIL.

Na disciplina são tratadas as seguintes temáticas: Introdução à necessidade da abordagem sobre população negra e a produção do espaço urbano no Brasil; As populações negras na história das cidades brasileiras; Os conceitos sobre população negra e urbanismo; A formação dos territórios de maioria negra na formação das cidades brasileiras: o exemplo da cidade de Petrópolis; As profissões urbanas de população negra durante o período colonial e imperial; Cadeias públicas, pelourinhos e forças como memória da repressão urbana de populações negras; Quitandeiras, ganhadeiras e ferreiros como marca urbana das populações nas cidades do império; Bairros negros históricos da primeira república; As políticas de estado contrárias aos interesses da população negra e as imigrações europeias; A desqualificação social da população negra para o trabalho, as mudanças tecnológicas, a urbanização e a industrialização brasileira; Os catolicismos de preto, as umbandas e candomblés como fenômenos urbanos da população negra; As vertentes dos sambas urbanos nos quatro cantos da nação brasileira; As criações das escolas de samba como fenômeno nacional; Os movimentos sociais urbanos das populações negras; As posses urbanas dos movimentos juvenis de maioria de população negra; As sínteses das formas urbanas negras nas cidades brasileiras e Os afros patrimônios e as identidades negras urbanas.

CONSIDERAÇÕES DE SÍNTESE

A população negra produz territórios sobre os quais formam-se cidades (SOUZA; CUNHA JUNIOR; SILVA, 2019). As cidades se edificam entre as contradições do emprego da mão de obra da população, com a população produzindo as suas especificidades urbanas. A produção urbana das cidades brasileira foi historicamente pautada pela presença de populações negras (CUNHA JUNIOR, 2020–2). Na história nacional os quilombos produziram a formação mais antiga de protesto contra as instituições políticas do escravismo criminoso. Quilombos

constituíram cidades e sistemas de cidades no passado histórico brasileiro e transformaram-se em bairros e hoje reivindicam o estatuto de quilombos urbanos (SANTOS, 2020).

Além dos quilombos as cidades brasileiras apresentam sempre diversos marcadores históricos referentes às populações negras (CUNHA JUNIOR, 2020-2). Nas diversas formas de pensar a urbanização brasileira é necessário pensar a existência de populações e das contradições sociais enfrentadas por esta população para uma compreensão como criticismo das nossas formações urbanas. Racismo antinegro estrutural é um tema que viemos tratando desde o final do século passado (CUNHA JUNIOR, 2008), assim como a história e memória da população e os bairros negros (CUNHA JUNIOR, 2007). Por estas razões se justificam a criação de uma disciplina tratando de Bairros negro como a forma urbana das populações negras no Brasil. Esse artigo tratou do contexto histórico e geográfico da criação da disciplina e da especificidade e importância dessa, no contexto das ciências humanas brasileira. Considerando a proposta do direito à cidade, as populações negras necessitam de evidência entre as disciplinas sobre urbanismo (SILVA, 2006; 2012).

REFERÊNCIAS

AVELAR, Celso Alexandre de Souza de. **A economia solidária em territórios populares**: uma pesquisa exploratória sobre o tecido socioprodutivo em quatro comunidades da cidade do Rio de Janeiro / Celso Alexandre Souza de Alvear ... [et al]. - Rio de Janeiro: Núcleo de Solidariedade Técnica da UFRJ / Secretaria Especial de Desenvolvimento Econômico Solidário, 2012.

BAUER, R. **Gestão da mudança**: caos e complexidade nas organizações. São Paulo: Atlas, 2009.

BENEVOLO, Leonardo. **História da cidade**. Editoria Perspectiva.2003.

BERNAL, Martin. **Black Athena**. The Afroasiatic Roots of classical civilization. London: Free Association Books. Vol 1. The fabrication of Ancient Greece. 1987.

BICUDO, V. L. (1947). Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo. **Revista Sociologia**, 9(3), 195-219).1947.

CRUZ, José Saraiva. **Guerreiro Ramos e a construção ideológica do nacionalismo desenvolvimentista**. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, UERJ, 2002, Dissertação de mestrado.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Racismo antinegro, um problema estrutural e ideológico das relações sociais brasileiras**. Política Democrática (Brasília), v. VII, p. 118-127, 2008.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **História e Memória de Bairros de Maioria Afrodescendentes**. In: José Gerardo Vasconcelos; Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Junior; Zuleide Fernandes de Queiroz; José Edvar Costa de Araújo. (Org.). Interfaces Metodológicas na História da Educação. Fortaleza: Edições da UFC, 2007, v. 1, p. 77-89.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Pensadores negros na cultura brasileira**. Palestra no COPENE. Universidade Estadual de Mato Grosso. IX Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros. Janeiro de 2017.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Ntu. **Revista Espaço Acadêmico**. n° 108, v. 9 n. 108, maio de 2010.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Urbanismo Africano: 6000 anos construindo cidades**. Revista Teias v. 21 • n. 62 • jul./set. 2020 • Ensaio • Seção Temática Raça e Cultura. 2020 -1.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Espaço Público, Urbanismo e Bairros Negros**. Editora Appris. 2020 – 2.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Críticas ao pensamento das senzalas e casa grande**. Espaço Acadêmico. Issn: 15196186. Ano 2013.

GOHN, Maria da Gloria. **Reivindicações populares urbanas**. São Paulo: Cortez, 1982.

GOMES, Fabio Lourenço. Pan-africanismo, historiografia e educação. **Experiências de Cabo Verde e no Brasil**. 2014; Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará. 2014.

JAMES, George. **Stolen Legancy, the Greeks were not the Authors of Greek Philosophy, but the People of North Africa**, Commonly called the Eggyprians. New York: phailosofical Library, 1954.

HORNUNG, Erik. (1992). **Idea into image: essays on ancient Egyptian thought**.

Translated by Elizabeth Bredeck. New York: Timken.1992.

LEAL, Maria das Graças de Andrade. **Manuel Querino: Narrativa e identidade de um intelectual afro-baiano no pós-abolição**. Projeto História, São Paulo, n. 57, pp. 139-170, Set.-Dez. 2016.

LIMA, H. HOCHMAN, G. **Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitaria da primeira república**. In: maio MC, Santos RV, organizadores. Raça, Ciência e Sociedade. Rio de Janeiro: Fiocruz; 1996. p.23-40.

MALEK, Jaromir. **Egypt: 4000 Years of Art**. London: Phaidon Press, 2003.

MENDES, Amauri Pereira. **Cultura de Consciência Negra: pensando a construção da identidade nacional e da Democracia no Brasil**. Ano de Obtenção: 2001.

MOURA, Clovis. **Rebelião na Senzala (quilombos, insurreição e guerrilha)**. São Paulo: Edição Zumbi, 1959

MOURA, Clovis. **Sociologia política da guerra camponesa de Canudos**. São Paulo: Expressão Popular. 2002.

MOREIRA, Juliano. **Sífilis maligna precoce**. Tese de doutoramento. 1891.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte, Autêntica, 2008.

NEAL, Zachary. **Seeking common ground: three perspectives on public space**. Urban Design and Planning. Proceedings of the Institution of Civil Engineers. 2010.

PASSOS A. Juliano Moreira (vida e obra). Rio de Janeiro: Livraria São José; 1975.

PRIGOGINE, Ilya. **O Fim das Certezas - Tempo, Caos e Leis da Natureza**. Editora UNESP, São Paulo, 1996.

RIBEIRO, Darci. **O Povo Brasileiro- a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo, Cia da Letras, 1995. (2006).

ROSSI, A. **Architettura della città**. Padua:Marsili Editori, 1966.

SANTOS, Marlene Pereira dos. **Tecendo Africanidades como parâmetros para a educação quilombola e do campo**. Fortaleza: Tese de doutoramento em Educação Brasileira. UFC. 2020. (142-143).

SERVA, M.; DIAS, T.; ALPERSTEDT, G. D. **Paradigma da complexidade e teoria das organizações: uma reflexão epistemológica**. RAE, São Paulo, v. 50, n. 3, p. 276-287, 2010.

SILVA, Maria Nilza. “**População Negra: segregação e invisibilidade em Londrina**”. In: Tânia Mara P. Muller (coord.); Renato E. Santos (org.) **Questões urbanas e racismo**. Petrópolis, RJ:DP et alii; Brasília: ABPN, 2012.

SILVA, Maria Nilza. **Nem para todos é a cidade: segregação urbana racial na cidade de São Paulo**. Brasília, Fundação Cultural Palmares, 2006.

SILVA JUNIOR, Luís Regis Coli. **O programa Favela- Bairro e as políticas habitacionais do Banco Interamericano de Desenvolvimento**. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2006.

SOUZA, C., 2002. **Governos e sociedades locais em contexto de desigualdades e de descentralização**. *Ciência & Saúde Coletiva* 7 (3): 431- 442.

SOARES, L. A. Alves. **A sociologia crítica de Guerreiro Ramos; um estudo sobre o polêmico sociólogo**. Rio de Janeiro, Copy&Arte, 1993.

SOUZA, Marcia Aparecida de; CUNHA JUNIOR, Henrique; SILVA, Cleber Andrade da. **A população negra na construção do Vale do Rio Carangola**. *Revista Transformar*. Vol. 13 (1), Jan / jul. 2019. (268-283).

SENT / LE CORBUSIER. **La carta de Atenas, manifesto urbanístico**. Congresso Internacional de Arquitetura Moderna. (CIAM). 1942.

SILVA JUNIOR, Luís Regis Coli. **O programa Favela- Bairro e as políticas habitacionais do Banco Interamericano de Desenvolvimento**. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2006.